

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 159 FEVEREIRO/MARÇO DE 2025 CANDIDO.PR.GOV.BR



**VOCÊ
LÊ?** Cândido investiga
por que o número de
leitores(as) tem diminuído
no Brasil

Índice

3 ESPECIAL CAPA

Desligue o celular e leia esta reportagem

Marianna Camargo

20 ESPECIAL

Assim se constrói um leitor

Bel Santos Mayer

por Bianca Weiss

29 REPORTAGEM

Carrinho Fantástico: na contramão da tendência

Isa Honório

36 ENTREVISTA

Não há vagas para leitores sensíveis

Ulisses Brandão

por João Lucas Dusi

49 RESENHA

O levante dos duplos e a era dos espelhos

Cristiano Castilho

55 CRÔNICA

Maltrapilha e desganhanta

Aline Brandalise

60 CONTÓ

Mita

Tenório Rocha

65 ADAPTAÇÃO

"New Flesh" (ou faça você mesmo)

Current Joys

por Iuri De Sá

72 FOTOGRAFIA

Ciclo Cultural

Vitória Smárci

tédio

falta de criatividade

confusão

burrice

conformismo

**desliga a televisão
e vá ler um livro!**



Desligue
o celular
e leia
esta
re
por
ta
gem

Marianna Camargo

Número de não-leitores no Brasil é superior ao de leitores pela primeira vez em 18 anos, são quase 7 milhões a menos desde 2019, revela pesquisa

Em 1990, a *MTV (Music Television)* instalou-se no Brasil e tornou-se uma das emissoras mais assistidas pelos jovens. Além dos diversos programas de música, com apresentadores(as) arrojados e temas discutidos de forma irreverente, as campanhas de publicidade eram sempre pautadas em questões atuais, como a preservação do meio ambiente, direitos das crianças e do adolescente, combate ao racismo e temas relacionados à saúde, principalmente a AIDS, que havia surgido há poucos anos e se alastrava pelo país, matando muitas pessoas e sendo classificada como uma epidemia.

Mas foi em 2004 que uma campanha chamou muito a atenção: "Desligue a televisão e vá ler um livro", que tinha como objetivo incentivar o hábito de leitura entre os jovens. A mensagem exibida em uma TV obteve tanto êxito que, em cinco meses, atingiu 7,5 milhões de telespectadores só na grande São Paulo, de acordo com os dados do Ibope Telereport na época. O então diretor geral da *MTV Brasil* deu uma declaração para a imprensa dizendo que nas duas primeiras semanas da campanha, mais de 200 mil telespectadores desligaram a TV. "Se foram realmente ler um livro eu não sei", completou. O *spot*, que durava 30 segundos, passou a ter 15 minutos, tamanha repercussão que causou, dividindo quem amava e quem odiava a ideia, mas principalmente, aquecendo o debate e afixando o senso crítico sobre uma questão fundamental: a leitura de livros.

Vinte anos após este episódio, a 6ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, divulgada em novembro de 2024 pelo Instituto Pró-Livro (IPL), aponta

um dado assustador: 53% dos brasileiros não leem livros, nem parte de um livro – impresso ou digital – de qualquer gênero, incluindo didáticos, bíblia e religiosos, uma redução de 6,7 milhões de leitores no país nos últimos quatro anos. Desde que esta pesquisa começou a ser realizada pelo IPL, há 18 anos, é a primeira vez que a proporção de não-leitores é maior do que a de leitores na população brasileira.

Seguindo os dados do levantamento, houve também uma diminuição em quase todas as faixas etárias, em especial, dos 5 aos 10 anos, na fase da formação de leitores. A coordenadora da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil do IPL, Zoara Failla, comenta. "Sabemos que os principais agentes da formação de leitores são: as escolas e as famílias. Mas, quando identificamos redução no percentual daqueles que já são leitores, necessitamos buscar explicações, também, em outros fatores".



➤ **Zoara Failla, coordenadora da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil do Instituto Pró-livro (IPL)**

Embora 85% dos leitores leiam em casa, as escolas têm se tornado espaços cada vez menos voltados para a leitura, com a participação das salas de aula caindo para 19%, de acordo com os dados. "Em relação à redução de leitores estudantes, verificamos nas escolas, o principal espaço de formação de leitores, a diminuição no tempo dedicado à leitura nas salas de aula, e, nas bibliotecas, a interrupção em programas de distribuição de livros, tão importantes para possibilitar a escolha e o acesso aos livros indicados pelos professores", explica Zoara.

Letícia W. Magalhães, professora e escritora, formou-se em Letras-Português pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 2007, e desde então começou a dar aulas de Língua Portuguesa e Literatura para adolescentes em diversas escolas em Curitiba, além de ter escrito uma coleção de livros didáticos de Literatura/Ensino Médio. Participa de diversos projetos culturais e literários, estreando em 2019 como autora em livros de ficção. Em sua vivência como educadora, ela faz uma análise mais ampla sobre alguns dos motivos sobre esse cenário. "Vale a pena pensar na questão estrutural. Se pensar em desempenho escolar, evasão e alfabetização, por exemplo, a leitura entra nisso, né? Não é uma consequência, digamos, é um projeto. É uma questão bastante importante para pensar num aspecto e um espectro também mais amplo".

Entre as novidades dessa pesquisa, foi mensurado pela primeira vez o número de livros infantis nas residências e os hábitos de leitura dos pais sob a ótica das crianças entre 5 e 13 anos, pois, segundo a coordenadora do IPL, o objetivo é conhecer novos fenômenos que podem impactar nos hábitos e interesses dos leitores. A Região Sul é a única onde a maioria da população ainda mantém o hábito da leitura. Os estados com maiores índices de leitores são: Santa Catarina, com 64%, seguido por Paraná e Ceará, ambos com 54%.



➤ **Leticia W. Magalhães, escritora e professora de Língua Portuguesa e Literatura**

Analogico x Digital

Em janeiro deste ano, o Ministério da Educação (MEC) sancionou a Lei Federal 15.100, que limita o uso de dispositivos eletrônicos portáteis nas escolas públicas e privadas, tanto nas salas de aula quanto no recreio e intervalos, mas permite o uso pedagógico, ou seja, quando autorizado pelos professores, já em vigor a partir do ano letivo que iniciou em fevereiro. De acordo com o MEC, a nova medida tem como meta proteger as crianças e adolescentes dos impactos negativos das telas na saúde mental, física e psíquica, e já foi adotada em outros países, como França, Espanha e Dinamarca.

A arquiteta Bruna Correia tem duas filhas, de 7 e 15 anos, Luiza e Rebeca, e conta um pouco sobre sua experiência com elas sobre a prática da leitura. "Sempre incentivei minhas filhas a ler, desde pequenas. Ten-

tei passar para elas que a leitura é algo que expande a imaginação, que é prazeroso, mas é muito difícil competir com as tecnologias. A mais nova já nasceu com chip de celular", brinca. Ela diz que a adolescente de 15 anos está tendo dificuldades para se adaptar à nova rotina escolar sem celular, mas que ao mesmo tempo percebeu que está mais produtiva e atenta nos últimos dias. "Claro que há uma irritação por não poder usar, e ela está tentando utilizar isso para se dedicar a outras coisas, por exemplo, praticar esportes, ir ao cinema, ter mais tempo para conversar, e... ler!", fala em tom de surpresa.

A professora Letícia conta uma história que exemplifica a situação, ocorrida antes da lei sobre a restrição dos aparelhos celulares nas escolas, em que combinou com seus alunos de fazer um dia sem celular. "O curioso é que eles passaram a fazer hipóteses de como seria ficar sem o celular, desde ouvir música, sabe? A reação dos alunos nos expõe bastante a refletir, pois muitos deles já nasceram nesse mundo, diferentemente de outras gerações que não tinham aparelhos tecnológicos. Um mundo *off-line* e *on-line*, né? Ter pelo menos esse parâmetro.", analisa, e frisa que, além disso, há também o impacto do uso excessivo do celular na plasticidade cerebral, na qualidade do sono, na atenção e em um ambiente escolar mais saudável. "Sobre relações interpessoais também acho que é uma medida muito válida".

Isabella Trevisan Vidotto tem 13 anos e começou a ler com 5, atualmente está no 8º ano. Ela diz que a restrição do celular não a afetou pois não costuma levar celular para a escola, e que sempre teve estímulo para leitura, tanto dos pais como da escola. "Converso com meus colegas sobre os livros que lemos. Já teve uma vez de estarmos lendo o mesmo livro e fazermos uma competição para ver quem lia mais rápido", diz a estudante.

Há outros fatores importantes fora da escola, como um grande aumento do percentual daqueles que usam o seu tempo livre na internet e redes sociais. A partir dos 14 anos, o percentual é superior a 90%. Já a leitura de livros, no tempo livre, teve redução de 24% para 20%, e 43% das crianças de 5 a 10 anos acessam

games em seu tempo livre, como explica a coordenadora da pesquisa. "Essa grande exposição às telas e mensagens ligeiras, segundo especialistas, explica a elevação do percentual daqueles que dizem não ter paciência para a leitura; além de outros problemas como o aumento da ansiedade, podem estar dificultando a atenção e a concentração necessárias para leituras profundas. Essa dificuldade prejudica a construção do conhecimento e a aprendizagem. Também impacta na análise sobre os conteúdos e a veracidade das informações, comprometendo uma leitura crítica e alimentando o sucesso das fake news", analisa Zoara.



➤ **Isabella Trevisan tem 13 anos e começou a ler com 5**

O triunfo do papel

Outra investigação importante é sobre a leitura no suporte papel e no digital. Nesta edição de 2024, foram incluídas questões para conhecer como os leitores avaliam a atenção e a compreensão nos dois suportes, e a maioria, em todas as faixas etárias, preferem a leitura no papel, como mostra a pesquisa.

Outros suportes de leitura tecnológicos também podem estar no repertório da leitura, como diz Letícia: "A maior parte das pessoas que lê, ainda que não seja um número muito alto, é por meio do celular e de e-books. A gente tem que tomar cuidado para não demonizar o celular. Eu sou favorável à lei (sobre a restrição do celular), mas eu também acho que é um aparelho que deve ser bem utilizado. Pode ser um aliado inclusive para esse fomento à leitura e difusão do livro. Se a gente pensar em eliminar os celulares, proibir totalmente, além de ser ineficaz, é impensável hoje.", pontua.

Confirmando essa ideia, Rebeca, a filha adolescente da arquiteta Bruna, lê em celular e e-books. Segundo a mãe, ela se adaptou bem às plataformas e descobriu um novo modo de leitura. "Ela gosta de baixar livros em PDF e ler nas telas, é a nova forma de ler dessa geração que já nasceu no mundo digital", define.

Percepção sobre leitura de livros digitais ou livros em papel



2024 (%)



Base: Já leu livro digital e leu algum livro inteiro ou em parte nos últimos 3 meses 2024 (846)

P81] Eu vou ler algumas frases sobre leitura de livros e gostaria de saber sua opinião sobre elas, comparando livros digitais com livros em papel. O(a) Sr(a) diria que:

Leitores de literatura e leitores da Bíblia

A pesquisa classifica em três categorias os "leitores de literatura" (os que leem contos, crônicas, romances ou poesias) contabilizando os últimos três meses: os que leem pelo menos um livro de literatura por vontade própria, inteiro ou em partes; em outros meios ou formatos que não sejam livros (redes sociais, aplicativos de mensagens, blogs, sites, revistas, jornais); e independente do meio (em livros e/ou canais que não sejam livros).

Na categoria Conto, 73% leem em outros meios que não sejam livros; Poesia, a maioria prefere ler livros impressos, com 59%; o gênero Crônica fica quase empatado, com 55% para livros e 54% apenas em outros meios; e Romance abrange maior percentual de quem prefere os livros, 50%, seguido pela leitura em outros meios, com 42%.

Entre os gêneros literários mais lidos, no *Instagram* e *Facebook*, na faixa etária entre 14 e 29 anos, Contos têm uma média de 30% de leitores, e ficam em segundo lugar na lista geral, atrás apenas da Bíblia, que está na primeira posição como um dos livros mais lidos, mais marcantes e mais citados entre os entrevistados. Houve também um acréscimo relacionado a influências dos líderes religiosos, como padres, bispos, etc., que é acompanhado desde 2015 pelo IPL. Zoara ressalta que na população acima de 70 anos, a representação na amostra é muito pequena para destacar como elevação. "Mas, a partir dos 50 anos, identificamos um aumento no percentual de leitores de livros religiosos e Bíblias; além da maior influência de líderes religiosos, o que poderia explicar, em parte, esse acréscimo", pontua.

Gêneros que costuma ler

(%)	2011	2015	2019	2024
Bíblia	42	42	35	38
Contos	23	22	22	22
Romance	31	22	22	20
Religiosos	30	22	22	17
Poesia	20	12	16	12
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	11	11	13	12
Infantis	22	15	14	11
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	32	16	16	11
História em quadrinhos, Gibis ou RPG	19	13	11	10
Biografias	11	8	9	9
Autoajuda	12	8	8	9
Ciências	-	10	10	8
Técnicos ou universitários, para formação profissional	-	10	10	8

continuação

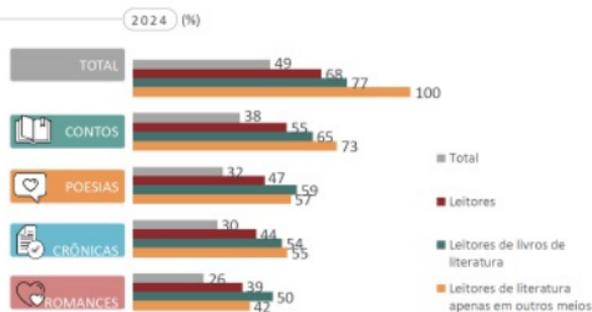
(%)	2011	2015	2019	2024
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	7	10	9	8
Artes	6	7	8	7
Saúde e Dietas	-	8	8	6
Educação ou pedagogia	-	6	5	6
Juvenis	11	7	5	5
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	-	5	4	4
Viagens e esportes	-	5	4	4
Direito	-	3	3	4
Esoterismo ou ocultismo	2	2	2	2
Enciclopédias e dicionários	9	4	4	2
Outros	1	-	1	0
Não sabe/Não respondeu	-	5	1	2
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO	-	2,8	4,1	2,4

Base: Leitores 2011 (2506) / 2015 (2798) / 2019 (4270) / 2024 (2547)

P.37 Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr(a) leu no último ano?

47

Leitores de literatura nos últimos 3 meses por meios que não sejam livros – total e leitores



Base: Alfabetizados (5158), Leitores (2547), leitores de literatura (1372), leitores apenas em outros meios (1463)

C.1.1 Agora pensando em literatura, nos últimos três meses, o(a) sr(a) leu contos? C.2) E nos últimos três meses, o(a) sr(a) leu crônicas? C.3) Ainda pensando em literatura, nos últimos três meses, o(a) sr(a) leu romances? C.4) E nos últimos três meses, o(a) sr(a) leu poesias?

37

Média de livros lidos nos últimos 3 meses (Entre estudantes)



Base: Estudantes 2011 (1593) / 2015 (1337) / 2019 (2101) / 2024 (1304)

*Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.

28



Diretrizes, acesso e formação

Para Zora, é urgente buscarmos soluções para garantir a formação de leitores proficientes e críticos e despertar o gosto pela leitura. "Deve ser um desafio de toda a sociedade, mas deve ser orientado por políticas públicas efetivas voltadas à formação de professores leitores e mediadores de leitura e para garantir o acesso aos livros", e enfatiza que as mídias podem ter um papel fundamental na conscientização e valorização da importância do livro e da leitura para a vida pessoal, profissional e para o desenvolvimento social e a democracia do país.

Em escala nacional, referente às políticas públicas institucionais, algumas medidas estão sendo implementadas. Em setembro de 2024, o Governo Federal assinou o decreto que regulamenta a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE). Com isso, poderá criar um novo Plano Nacional de Livro e Leitura (PNLL) e define uma série de ações de valorização do livro e da leitura, mas, atualmente, não está em vigência no país.

Em fevereiro deste ano teve início no estado de São Paulo a primeira etapa dos "Encontros de Escuta", composto por uma série de encontros regionais de discussão para a construção do Plano Estadual do Livro e Leitura (PELL). Já em escala nacional, a primeira reunião de escuta popular ocorrerá na próxima Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, marcada para setembro deste ano, que contará com a participação da sociedade civil para a elaboração de metas e ações do PNLL. De acordo com informações do site Agência Bra-

sil, o novo plano tem previsão de vigorar entre 2025 e 2034.

Letícia ressalta a importância de pensar na cadeia produtiva de toda a estrutura. "Nesse sentido, na teoria, o Plano Nacional do Livro e Leitura é um projeto e tanto, considerando que trata-se de diretrizes básicas para assegurar a democratização do acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro como fator relevante para o incremento da produção intelectual e o desenvolvimento da economia nacional. Por outro lado, e agora falo como escritora também, essa escuta de representantes de todas as cadeias relacionadas à leitura deveria ser mais bem divulgada, para que efetivamente o PNLL possa ser concretizado e, assim, ser um meio real de reverter esse quadro que o Retratos da Leitura no Brasil revelou", afirma.

Ela chama a atenção especialmente para os livros didáticos, cada vez mais dominados por sistemas de ensino que têm mais interesse econômico do que realmente na educação, além do alto valor dos livros. "Diretrizes institucionais e governamentais que garantam mais diversidade nas escolhas de compras públicas, por exemplo de editoras pequenas, seria um importante passo. Já o preço do papel, por exemplo, que é muitas vezes importado, subiu bastante. É claro que isso vai encarecer no produto final, que é o livro. As políticas, às vezes, não são só aquelas visíveis na ponta, mas da economia mesmo, em pensar em juros e isenções fiscais, por exemplo. Acho que isso facilitaria o acesso", completa Letícia.



Vai dar samba

O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade disse que "A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade não sente esta sede." A frase é profética, considerando o atual cenário, e suscita reflexões acerca da importância do tema.

Contrariando as estatísticas, Isabella diz que a leitura é muito importante para ter conhecimento e aprender sobre as coisas - que alcança também a maioria das respostas sobre o que a leitura significa, com 46% - "mas também para ter algo a fazer nos momentos de tédio", ressalta.

Letícia considera essa questão pessoal e subjetiva. Exemplifica com um livro da antropóloga Michelle Petit, *A arte de ler: ou como resistir à adversidade* (2009), da Editora 34, que traz um testemunho de um mora-

Michèle Petit

A arte de ler

ou como resistir à adversidade

editora 34



➤ *A arte de ler: ou como resistir à adversidade* (Editora 34, 2009) de Michèle Petit

ALBERTO MANGUEL



UMA HISTÓRIA DA



LEITURA

COMPANHIA DAS LETRAS

➤ *Uma história da leitura* (Companhia das Letras, 1997) de Alberto Manguel

dor de um dos bairros mais pobres de Bogotá, que diz: "Aquele livro me deu a força necessária para enfrentar a virada decisiva de minha vida, aceitar que eu não era mais o mesmo, suportar sê-lo com meus amigos que não compartilhavam o que eu pensava e que tive que enfrentar para defender minha nova maneira de ver a vida...".

O livro de Pètit possui vários testemunhos sobre a importância da literatura, composto por histórias em quadrinhos, relatos orais, além de poesia, conto e romance, que mostram como a literatura impacta na estrutura emocional e efetivamente na vida das pessoas, principalmente em contextos críticos. A autora coordena um programa internacional sobre o assunto "a leitura em espaços de crise", compreendendo tanto situações de guerra ou migrações forçadas como contextos de rápida deterioração econômica e grande violência social.

Uma história da leitura (1996), de Alberto Manguel, escritor e ex-diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, tem um capítulo que fala de leituras proibidas e aborda vários momentos da história e em diversos lugares Ocidente e Oriente, e as diversas circunstâncias em que a leitura foi proibida, conforme conta Letícia. "Acho que é uma boa resposta para a gente pensar qual a principal importância da leitura na vida das pessoas. Quer dizer, porque que em tantos momentos da história a leitura foi proibida? Se ela fosse desimportante, ninguém ligaria. Pensar nesse avesso já mostra a importância da leitura", questiona a escritora e professora.

Pensando pelo avesso ao analisar tantas reflexões para concluir a reportagem, seria um ótimo momento para realizar uma campanha para estimular a leitura, como a da *MTV*. Daí lembrei da letra de um samba de Nelson Sargento "Agoniza mas não morre", que faz todo sentido se trocarmos o "samba" por "livro". Talvez a próxima campanha já tenha um mote.

*"Samba
Agoniza mas não morre
Alguém sempre te socorre,
Antes do suspiro derradeiro.
Samba,
Negro, forte, destemido,
Foi duramente perseguido,
Na esquina, no botequim, no terreiro.
Samba,
Inocente, pé-no-chão,
A fidalguia do salão,
Te abraçou, te envolveu,
Mudaram toda a sua estrutura,
Te impuseram outra cultura,
E você não percebeu" <*

Acesse aqui a pesquisa completa Retratos da Leitura no Brasil 2024.



Foto: Maria Beatriz Torres

Marianna Camargo é jornalista, escritora e editora do jornal *Cândido*. Possui especialização em Gestão Cultural Comunitária, pela Universidade da República do Uruguai (Udelar) e Gestão de Informações Públicas e Base de Dados (Agesic/Governo Federal do Uruguai).

Assim se
constrói
um
leitor

Bel Santos Mayer

por Bianca Weiss

A close-up portrait of a woman with dark skin and her hair styled in braids. She is smiling warmly at the camera. She wears a purple off-the-shoulder top and a colorful, multi-strand beaded necklace. The background is a bookshelf filled with books, with a pink shelf visible behind her. A small pink arrow points to the right, followed by the text 'Bel Santos Mayer'.

➤ Bel Santos Mayer

A biblioteca é a casa dos livros, mas também é a casa dos leitores, é a casa das histórias

O **Cândido** entrevistou Bel Santos Mayer, educadora social que coordena o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC) e é co-gestora da Rede de Bibliotecas Comunitárias LiteraSampa. Entre os projetos de incentivo à literatura que participa dentro dessas organizações, destaca-se a ação em Parelheiros — distrito localizado na zona sul da cidade de São Paulo —, que foi um dos tópicos da conversa, e a organização de bibliotecas comunitárias. Além disso, Bel explicou ao jornal um pouco da sua perspectiva sobre como criar um Brasil que lê.

Em um cenário revelado pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) e publicada no final de 2024, ficou indicada uma superação no número de leitores pelo de não-leitores. Ao explicar como funcionam os projetos de leitura que coordena e como efetivamente podem transformar essa realidade no país, Bel arremata: “Eu continuo acreditando que seremos um dia um país de leitores e de leitoras. E não é porque vai ter uma grande transformação, isso já está pronto, é só fazer.”

**"Um leitor é formado pelas palavras,
pelas trocas, pelas conversas sobre
o que os livros são e que
histórias contam."**

A ascensão dos livros digitais muitas vezes é tratada como um grande ampliador do acesso ao livro, mas mesmo nessa grande era digital a quantidade de leitores caiu de maneira significativa. Como você encara essas plataformas virtuais?

Eu diria que nós ampliamos o número de pessoas que têm acesso à palavra escrita. Nós tivemos um imaginário de que as tecnologias, o acesso às redes sociais acabariam com os livros. Isso não aconteceu. A gente tem muito mais livros sendo publicados, mais pessoas escrevendo, mas isso não é suficiente para nos transformar em leitores. Um leitor é formado pelas palavras, pelas trocas, pelas conversas sobre o que os livros são e que histórias contam. O que falta é criar essas oportunidades de atenção, porque as redes sociais nos colocam em estágio de dispersão e não o da concentração que a leitura nos pede. Quando olhamos para a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, quem é leitor diz que prefere ler nos livros porque a leitura em outras plataformas distrai. São mensagens que chegam, propagandas que chegam e tudo isso tira a atenção da leitura. Temos que continuar trocando os livros e promovendo encontros entre as pessoas.

A pesquisa destacou os principais motivos para os não leitores permanecerem longe de livros é a falta de tempo (33%) e gosto pela atividade (32%). Que soluções são possíveis ao pensar em reverter esse cenário e criar mais interesse da população por essa atividade?

É preciso olhar outros dados juntos desses, que vão nos dizer que as pessoas não-leitoras, a quase totalidade delas, nunca ganhou um livro de presente. É importante observar o fechamento de mais de 1000 bibliotecas comunitárias e públicas no mesmo período, ver aquilo que colabora para que nós não sejamos leitores. Eu falei na pergunta anterior sobre a dispersão e eu reforço que uma saída é criar tempo para a leitura. É louvável ter iniciativas em que as pessoas leem nas várias atividades que eu participo. Sempre iniciamos com uma mediação de leitura, parar e ler juntos. A gente sempre começa lendo, porque, como é que você vai dizer para

as pessoas que é importante ler? Não se reserva tempo para os livros no nosso dia a dia para não perder tempo, então mudar essa lógica é incluir a leitura. E sobre o gosto pela leitura? A professora doutora Leda Maria Martins fala da oralidade pura, que os nossos corpos, as nossas vidas, são cheias de histórias e palavras. O que está acontecendo e que não se percebe é que isso é literatura e que não é possível viver sem história, sem leitura. O professor Antonio Candido, ao falar do direito humano à literatura, vai dizer que não vivemos sem metáforas e histórias. A literatura está aí o tempo todo, através da leitura ficcional e não-ficcional, da leitura informativa e de outras modalidades. Traçando mais um pensador, Paulo Freire vai dizer que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra. A gente lê o mundo, narra o mundo e escreve o mundo. Não é possível que não gostemos disso, não tem como.

"Essas bibliotecas que se enraízam nos territórios e constroem programações articuladas com as comunidades são as que criam um Brasil que lê."

Você ressalta muito a importância de levar os livros e histórias até as pessoas e em transformar a leitura em uma atividade coletiva. Como você enxerga o papel das bibliotecas comunitárias em relação aos resultados da pesquisa Retratos da Leitura 2024?

Eu diria que as bibliotecas comunitárias podem oferecer muito para mudar esses dados, porque é ali que as pessoas aprendem a ser mediadoras e influenciadoras de outros leitores. Um dado que a pesquisa traz é que, entre 2019 e 2024, a frequência às bibliotecas caiu de 17 para 9% e outro dado são das grandes fundações que apoiavam bibliotecas comunitárias, ao menos três deixaram de fazê-lo. A penúltima edição da Retratos da Leitura no Brasil despontou que 4% dos frequentadores e frequentadoras de bibliotecas eram de espaços comunitários. Pode parecer um percentual muito pequeno, mas quando pensamos que essas bibliotecas

nascem da iniciativa de indivíduos, coletivos ou instituições que atuam nas bordas do nosso país, é louvável olhar para esse resultado e pensar que é um lugar que existe bibliodiversidade. Essas bibliotecas que se enraízam nos territórios e constroem programações articuladas com as comunidades são as que criam um Brasil que lê. Dentro desses espaços você vai encontrar de clássicos a contemporâneos, uma diversidade da produção literária das periferias, de autoria negra, de autoria indígena, de pessoas que saem com a sua mochila com os livros para comercializá-los em eventos literários. A biblioteca em si, essa célula de irradiação da vida que está nas estantes, é também o centro que vai catalisar e trazer a vida em comunidade para o espaço da biblioteca.

Unir o serviço de empréstimo de livros a iniciativas culturais dentro das bibliotecas é uma saída?

Sem dúvida. Nós das bibliotecas comunitárias, trabalhamos os espaços pensando em alguns eixos ou linhas de atuação. Os livros estão no eixo do acervo que envolve a curadoria para garantia da bibliodiversidade, seguindo conceitos da biblioteconomia sobre catalogação e classificação do acervo. Mas nós temos a mediação, da qual eu já falei, que é essa aproximação entre o interagente, seja ele leitora ou não leitor, e o livro. Quando a gente pega, por exemplo, livros infantis com ilustrações, estamos construindo uma galeria de arte dentro da biblioteca. Só por olhar a diversidade de ilustrações, de composição de imagens com colagens e variadas técnicas, promover o encontro com ilustradores, é uma forma de aproximar os livros das pessoas. Então, ter encontros para conversar sobre poesia, realizar um sarau poético, círculos de leitura para compartilhamentos literários, emprestar a voz para acessar a leitura, mas também trazer as suas reflexões e compreensões daquela obra que foi lida, tudo isso é uma solução. A biblioteca é a casa dos livros, mas também é a casa dos leitores, é a casa das histórias. Voltando para a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, quando se observa o eixo que fala da opinião do leitor sobre as

"A biblioteca é a casa dos livros, mas também é a casa dos leitores, é a casa das histórias."

bibliotecas, 24% dos pesquisados acham que a biblioteca é para todo mundo enquanto 59% acham que a biblioteca é um lugar para estudar. Se eu não for para a escola, o que eu vou fazer lá? Se o espaço tem uma programação cultural voltada para diferentes faixas etárias e gêneros literários, as pessoas vão perceber que a biblioteca é um lugar para se estar, onde você pode encontrar um livro para chamar de seu e criar conexões com aquilo que você gosta. Se você gosta de música, se você gosta de artes visuais, se você gosta de atividade física... Tem livro para todo mundo.

Conte um pouco sobre o projeto em Parelheiros, como essa transformação que está sendo feita pode servir de inspiração para o restante do país nessa luta pela valorização dos livros?

Parelheiros está no extremo sul da cidade de São Paulo, é uma área periférica rural da cidade, uma região de mananciais conhecida como a Amazônia paulistana. Sendo a terceira maior população percentual de negros da cidade de São Paulo, até o ano de 2010 Parelheiros não tinha nenhuma biblioteca. Fomos a primeira a ser criada, uma biblioteca comunitária que viveu por dez anos num cemitério, tendo que sair de lá para ampliar as áreas de sepultura durante a pandemia. Em Parelheiros, com um grupo de adolescentes do ensino médio, criamos a Biblioteca Caminhos da Leitura, que está fazendo 15 anos. Ela seguiu com um princípio de povoar aquele território que tinha sido considerado o pior lugar para se nascer e viver na cidade de São Paulo, num ranking de 30 subprefeituras. Nos empenhamos em fazer com que a literatura chegasse à comunidade e chegasse em forma de livros que podiam ser acessados para empréstimos, mas que também poderiam ser ouvidos para as pessoas que não pudessem ler. A partir dessa biblioteca com adolescentes, a gente começa

a levar a literatura ainda desde a barriga para os momentos de acompanhamento pré-natal. Começa assim a nossa ação do Nascidos para Ler — inspirado no *Nati per Leggere* da Itália. Assim, a biblioteca vai caminhando do cemitério até à maternidade, passando por todos os ciclos da vida.

Acho que eu não falei quem somos, né? Nós somos o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário, o IBA, que é uma organização da sociedade civil que tem 44 anos e desses projetos desenvolvidos pelo IBA, vão chegando outros parceiros. Hoje nós somos cinco bibliotecas comunitárias no território, sonhando que todas as pessoas consigam chegar a pé até onde os livros estão. Com quase 16 anos no território, transformamos a nossa ação numa pós-graduação que vem falar dessa relação entre literatura e território. E, pelo menos a cada dois meses, fazemos algumas vivências em que as pessoas podem conversar com quem está ali em Parelheiros. Então, essa é uma luta que tem aí alguns anos para fazer de Parelheiros o melhor lugar para se nascer e viver.

"A gente tem um arcabouço legal de iniciativas que está sendo debatido, pensado e organizado, o que está faltando é fazer as coisas acontecerem."



Após todos estes anos de trabalho e projetos realizados para ampliar e democratizar o acesso à leitura, qual é para você a grande importância de iniciativas deste porte do ponto de vista da mudança individual e do sociocultural?

Eu continuo acreditando que seremos um dia um país de leitores e de leitoras. E não é porque vai ter uma grande transformação, isso já está pronto. Temos Plano Nacional de Leitura, a Lei Castilho, então tudo isso já foi discutido, cheio de propostas. Vários municípios já têm os seus planos municipais do livro e leitura e estão caminhando para construir planos estaduais. A gente tem um arcabouço legal de iniciativas que está sendo debatido, pensado e organizado, o que está faltando é fazer as coisas acontecerem. Aí eu confio muito nessas transformações miúdas. Não é possível transformar leitores sem escutar, sem dedicar tempo para conversar, para escrever. Eu falei isso aqui: que a gente não tem tempo para ler juntos dentro das casas, as famílias que têm crianças e adolescentes. Não dá para abandonar os adolescentes sozinhos nesse mundo da leitura. Continue lendo com eles, coloque literatura, indique literatura, dê livros de presente, visite bibliotecas e livrarias, participe das programações. É tudo isso que vai fazer as transformações acontecerem. Nenhum de nós chegou até aqui, até o fim dessa entrevista, sem que tivéssemos dedicado tempo para leitura, para a escrita, para a conversa sobre os livros. Então são revoluções bem miudinhas, mas que só vão acontecer se cada um de nós fizer essa parte. <

Bianca Weiss nasceu em Arapongas, no norte do Paraná. Formada em Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR), é repórter do jornal *Cândido*.

Carrinho Fantástico: O que não é da tendência

Isa Honório



Lá vai ele. Imponente e um pouco desajeitado, logo encontra um espacinho na calçada para se exhibir. O carrinho catador de reciclagem dourado e todo adornado com colar de flores carrega prateleiras coloridas cheias de livros. O Carrinho Fantástico é uma das ações de incentivo à leitura da Passos da Criança, ONG que atende a comunidade da Vila Torres, em Curitiba. A escolha pelo carrinho é uma homenagem aos muitos trabalhadores da reciclagem que moram no bairro.

Logo que ele se instala na entrada do projeto, onde também é servido um almoço para pessoas em situação de vulnerabilidade social, alguns curiosos se aproximam do Carrinho e arriscam pegar algum livro para levar. Kenni Rogers, arte-educador da Passos e idealizador da biblioteca itinerante, faz algumas sugestões personalizadas e ajuda o novo leitor a se encontrar: “O que você gosta de ler? Tem literatura ilustrada, ficção...”.

Funciona assim: é só chegar, escolher uma obra e aproveitar a leitura. Devolver não é obrigatório, quem emprestou pode repassar o livro para outra pessoa. O importante é que ele não fique parado. Na estante do Carrinho Fantástico, estão romances, biografias, gibis, livros infantis, ilustrados e de autoajuda. Tem Leminski, Kolody, Monteiro Lobato e até Vladimir Nabokov.



A ação com o Carrinho acontece toda primeira segunda-feira do mês para o público geral, e semanalmente para o público de 5 a 14 anos, que é o foco da Passos da Criança. Após um ano focados no incentivo à leitura, 50% das crianças emprestam livros. O número está acima da média nacional de leitores. De acordo com a edição de 2024 da Pesquisa Retratos da Leitura, 53% dos brasileiros não leem livros de qualquer gênero. Se contar apenas os que leram algum livro, inteiro ou em partes, por vontade própria, o número cai para 43%.

Passeando pelas ruas

“Eu gosto de ler várias coisas, livros, contos. Gosto de ler sobre super-heróis. Pego livros emprestados aqui às vezes”, conta Limary, 9, enquanto espera a avó voltar da aula de yoga, também promovida pela Passos. Para as crianças, o universo da fantasia é o favorito, entre dinossauros, princesas e animais falantes. Os adolescentes preferem mistério e suspense. Já o gibi é o queridinho do público de todas as idades, cada vez mais engajado.

O projeto surgiu em 2021, unindo a necessidade de estar presente na comunidade durante a pandemia e a grande leva de doações que a ONG recebeu na época. “Estávamos com todos aqueles livros aqui e pensamos: ‘Como vamos transitar por aí? Com um carrinho!’ O carrinho é algo muito usual aqui na comunidade. Então a gente emprestou um carrinho, decorou ele, fizemos vários kits de livros, nos fantasiamos e saímos andando pela Vila distribuindo os kits pelas casas”, lembra Kenni.

Somente na primeira ação, foram distribuídos 800 livros. E não teve outra – logo o carrinho caiu no gosto dos moradores do bairro. Além de passear por escolas, praças e ruas com os livros, o Carrinho se transforma em um palco para apresentações de teatro e em uma casinha para contação de histórias. Nessa pegada de acessar os livros sem a formalidade de uma biblioteca tradicional, agora o plano é ampliar o projeto, com pontos de leitura espalhados pela Vila Torres.

João Francisco, 59, é um dos frequentadores assíduos do Carrinho, que ele chama carinhosamente de “cacinha dos sonhos”. Leitor apaixonado, passa pela ONG no caminho entre sua casa e o trabalho, pega sete livros de uma vez e mata um por dia. “Como eu gosto de ler, todos os livros que eu pego eu trago de volta. Pela amizade e pelo respeito que eles dão pra gente”, diz orgulhoso.

► João Francisco lê um livro por dia que empresta do Carrinho Fantástico



Não basta incentivar a leitura. É preciso garantir que esses novos leitores tenham o que ler. Entre a galera que frequenta a biblioteca itinerante, o livro, como objeto, é visto com muito carinho, principalmente entre os profissionais da reciclagem. “É muito triste quando eu vejo livros no lixo”, conta Adelaide, 50, que curte ler Paulo Coelho e Zíbia Gasparetto. “Não é tão fácil fazer uma aquisição de livro. Quando o pessoal da reciclagem acha um livro eles sabem o valor que aquele material tem”, comenta Rogers.

E não adianta colocar qualquer livro na prateleira. O segredo para manter o interesse é prestar atenção no que tem mais procura e apostar em uma boa curadoria. “A gente começou a entender o nosso leitor e fica mais fácil pra gente separar a biblioteca. Eles já chegam e veem que tem uma sessão só daquilo que eles gostam”, conta o arte-educador. “Aqui tem o que você procura, basta querer”, completa João Francisco.

A viagem é longa

Outro que bate ponto na biblioteca itinerante é Sebastian Hernandez, 40, que vê nos livros um bom passatempo enquanto espera nos corredores pela sessão de radioterapia: “Os médicos falam que ler ativa a sua mente. Agora eu peguei *Elite da Tropa* (2006), um livro meio complicado, mas que vai dar para ler durante as horas no hospital”. Entre idas e vindas do tratamento de câncer, Sebastian já leu *O diário de Anne Frank* (1947) e a saga *O Senhor dos Anéis* (1954). “Isso aqui é uma família para mim, eles me tratam muito bem. É um trabalho feito com vontade, de coração”, conta.

O negócio é integrar a leitura com a realidade das pessoas atendidas pela Passos da Criança. Sejam com atividades de letramento e aprendizagem para os pequenos, ou com a distribuição de refeições para pessoas solitárias, em situação de rua e dependentes químicos. “O carrinho é, além de um incentivo à leitura, um espaço de acolhimento. Temos uma mesa servindo um almoço e as pessoas se sentem à vontade e pertencentes a essa biblioteca que está ali”, explica Kenni.

O arte-educador lembra de vezes em que os livros funcionam como um portal para o passado, e uma forma de reencontrar o hábito da leitura, que muitas vezes se perdeu conforme as dificuldades da vida foram aparecendo: “Já vi pessoas que pegaram um livro e se lembraram da sua história, e veio à tona um choro de saudade. Então, através do livro essa pessoa pode acessar uma memória, lembrar de como era a sua vida antes e de como ela é hoje. Eles conseguem fazer um resgate das suas próprias vidas adentrando em outros universos, não somente a solidão ou a dependência química”.

No país em que houve uma queda de 6,7 milhões de leitores no último ano (IPL), o Carrinho Fantástico segue andando na contramão da tendência. “Você tá aqui na comunidade e de repente vê alguém passando com um livro na mão que ela pegou no Carrinho. E para além dela, outras pessoas veem que alguém está lendo na periferia”, finaliza Kenni Rogers. <

► Participantes da ONG Passos da Criança que atendem a comunidade da Vila Torres



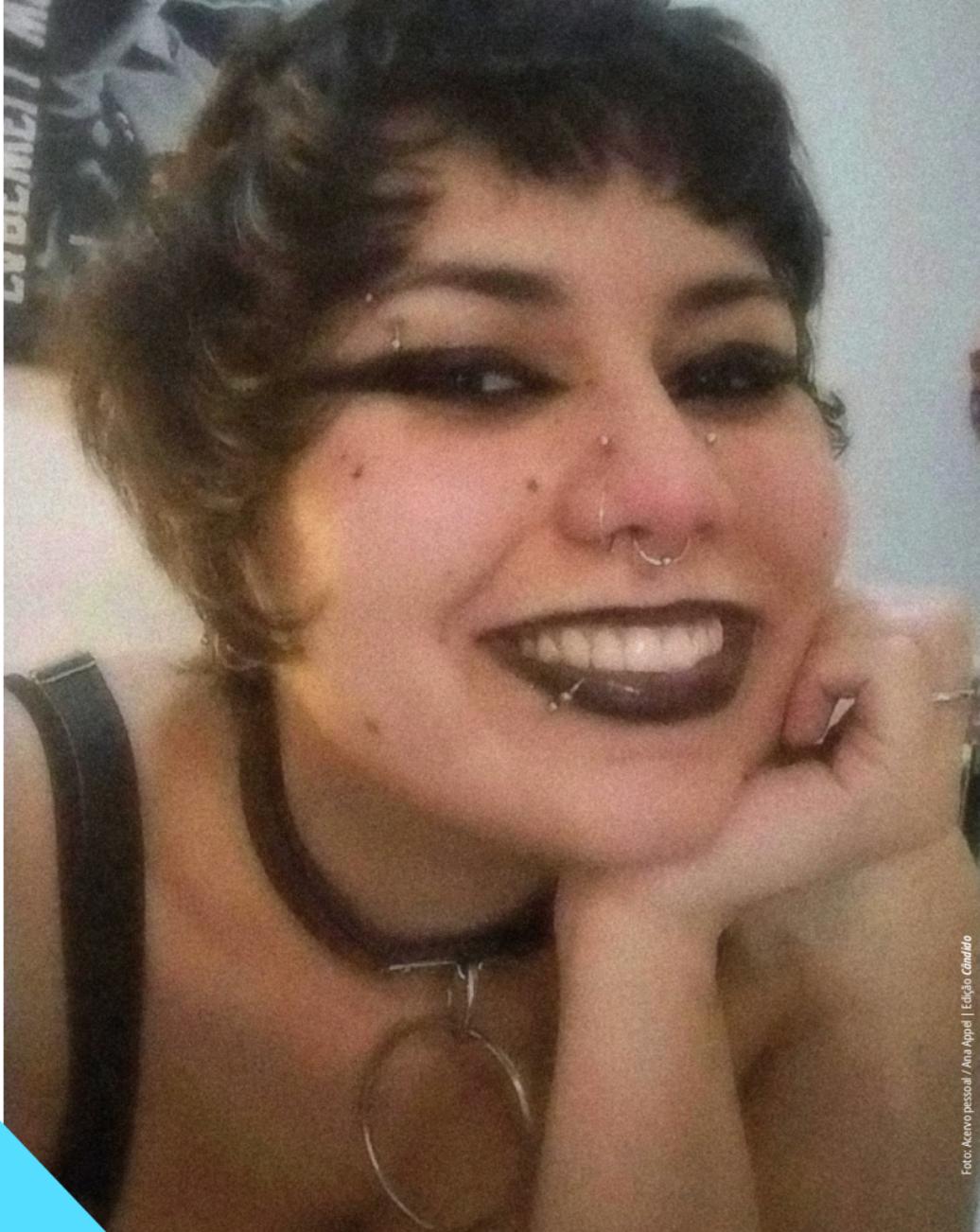


Foto: Arquivo pessoal / Ana Apper | Edição: Chaféto

Isa Honório (São José dos Campos/SP, 2002) é estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), escritora e compositora. Escreveu a coluna de cinema "Conversa de Bar Sobre Filmes e Séries" entre 2023 e 2024. Na literatura, curte dos *beatkniks* ao jornalismo gonzo. Na música, rock' n' roll à cumbia.

Não há vagas

para leitores sensíveis

Ulisses Rezende Brandão

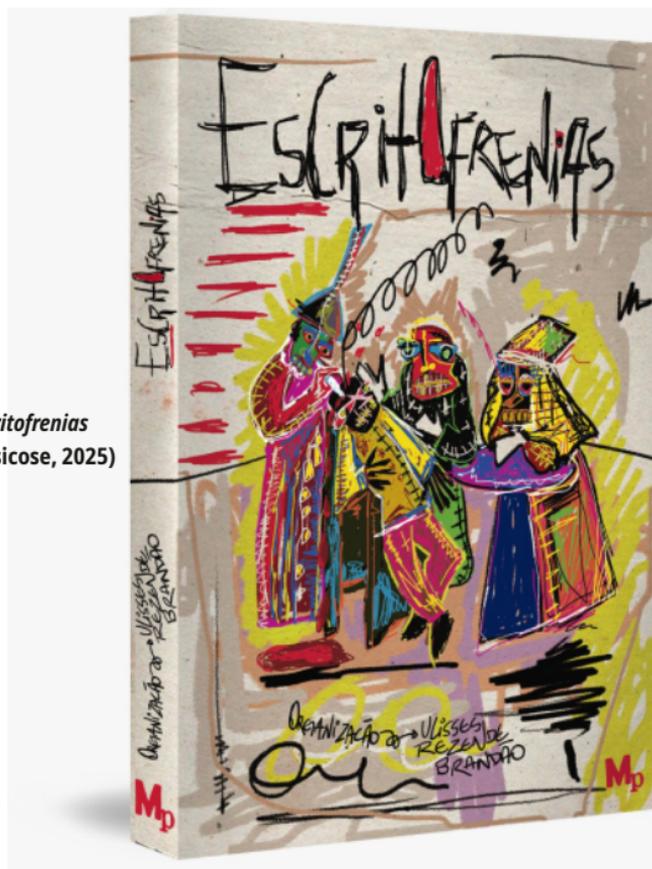
por João Lucas Dusi



> **Ulisses Rezende Brandão**

O psiquiatra e professor universitário Ulisses Rezende Brandão, organizador da antologia *Escritofrenias*, destrincha o projeto que uniu suas duas obsessões: saúde mental e literatura

► Capa de *Escritofrenias*
(Madame Psicose, 2025)



Embora tenha se encantado cedo por temas relacionados à saúde mental, o médico psiquiatra e professor universitário Ulisses Rezende Brandão – organizador da antologia de contos *Escritofrenias*, tema dos tópicos transcritos na sequência – demorou um bocadinho para realmente se sentir realizado. Leitor “tardio”, fisgado pela literatura somente quando cursava medicina, o

paulista – adotado por Minas Gerais há anos – descobriu na ficção uma oportunidade de imergir em vivências e assuntos ainda distantes de sua experiência à época. A partir daí, antes mesmo de exercer sua futura profissão durante o período de residência médica e já na condição de leitor, viu-se obcecado pela ficção e buscou formas de conciliá-la com sua paixão inicial – até chegar na ideia de *Escritofrenias*, editada pela Madame Psicose. No conjunto de dezessete narrativas, Brandão reuniu “vários autores, cada um com sua própria dicção e obsessão, abordando diferentes condições psíquicas”, como ele mesmo define. Cada convidado –

“O instrumento do psiquiatra é a linguagem. O silêncio diz muito, o grito também.”

entre iniciantes e premiados, estrangeiros e experientes – recebeu um diagnóstico psiquiátrico e escreveu um conto do zero, em primeira pessoa, a fim de compor uma amorfa espécie de ambiente ficcional compartilhado e, a depender de quem lê, catártico. A obra traz produções inéditas de nomes como Rafael Gallo, Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, Luiz Bras e George Salis (norte-americano, em publicação bilíngue), entre outros. “A preocupação com a forma narrativa, capaz de representar transtornos mentais, é um dos pilares do projeto”, explica o organizador, cuja atenção à verossimilhança dos textos em relação aos diagnósticos que representam fez do conjunto um mosaico sensorial tão complexo quanto a realidade.

Gênese da “ficção psiquiátrica”

Tenho duas obsessões: literatura e psiquiatria, ou melhor, saúde mental. Antes de ser psiquiatra, precisei me formar médico. Eu tinha uns 12 anos quando descobri a profissão de psiquiatra e simplesmente cumpri o pré-requisito da medicina para atingir meu objetivo.

Tornei-me leitor de ficção durante a faculdade. Na infância e adolescência, não lia. Sempre achei bonito ver pessoas lendo, mas, no início, sentia mais vontade de ter livros do que de lê-los. Essa é uma memória forte da minha pré-adolescência. Na graduação, no entanto, a literatura se tornou uma companhia essencial.

As narrativas que falavam sobre a condição humana, sobre sofrimentos que eu desconhecia, com vozes estranhas à minha própria experiência, serviam como ponte: um modo de matar a vontade de ser psiquiatra enquanto ainda era estudante. Foi uma preparação antes de pisar na psiquiatria, de fato, durante a residência médica.

Mais tarde, como psiquiatra, senti falta de uma ligação específica entre as duas áreas. Eu era leitor e psiquiatra, mas não sabia exatamente como conciliar essas abordagens. Tentei produzir alguns textos, buscando unir meu olhar sobre os transtornos mentais com a literatura, no que surgiu a ideia da antologia *Escritofrenias*. Reunir vários autores, cada um com sua própria dicção e obsessão, abordando diferentes condições psíquicas, me pareceu a forma ideal de criar uma “ficção psiquiátrica”.

A polifonia desse conjunto reflete a natureza da clínica psiquiátrica: são pessoas diferentes, cada uma contando suas dores do seu jeito. Foi o melhor modo de contemplar minhas duas paixões em um só projeto.

O médico e o leitor

Separar os dois é um exercício difícil. Cada autor da antologia teve um entendimento específico sobre o diagnóstico que escolheu, baseado em sua própria pesquisa; ao ler o conteúdo, tendo entendimento enquanto psiquiatra, meu olhar acabou sendo hiper-real: estou acostumado ao diagnóstico e à intervenção terapêutica. Em minha profissão, acabo me tornando personagem na narrativa dos meus pacientes. Um coautor de suas histórias.

Na literatura, por outro lado, devo ser apenas leitor. Isso exige certo distanciamento: não posso ser psiquiatra demais na leitura. Para ser sincero, evito ao má-

ximo ficções que tratam diretamente de psiquiatria. Vía de regra, me desagradam.

Vejo na produção contemporânea uma obsessão pelo diagnóstico; muitas vezes, representado de forma panfletária. Do ponto de vista estético, a abordagem é frequentemente brega e piegas. Já do ponto de vista técnico, simplesmente errada. Por isso, é comum que esse tipo de obra me desagrade enquanto leitor e psiquiatra. Talvez a antologia seja uma resposta a essa literatura que não quero mais consumir nem ver sendo produzida.

Curadoria

A seleção dos participantes teve como principal critério nosso apreço pessoal, meu e do editor da *Madame Psicose*, enquanto leitores. Não buscamos finalistas ou vencedores de grandes prêmios, simplesmen-

"O absurdo pode acontecer em tempo real, e há momentos em que conseguimos tocá-lo."

te, nem aproveitamos algum tipo de *hype* literário. Nunca foi a intenção. E continua não sendo.

O foco foi reunir escritores que admiramos por diversos motivos. Nisso, claro que houve desafios, especialmente no engajamento e nas respostas. Tivemos variadas reações de diferentes convidados, mas os que realmente queríamos e aceitaram participar fizeram um trabalho impressionante.

Nomes internacionais

Por outro lado, se não estávamos preocupados em convidar somente vencedores de prêmios, conseguimos algo que o público brasileiro adora: participações estrangeiras. – Mas, mesmo nesse ponto, seguimos o

mesmo critério. Selecionamos escritores que têm um projeto estético rico e estilos marcantes.

Dois contos serão veiculados de forma bilíngue. Isso é um grande ganho, tanto pela questão do trabalho de linguagem quanto pela possibilidade de cativar o leitor que aprecia ficção no idioma original.

Além disso, trata-se de nomes ainda pouco conhecidos do público nacional, no que a antologia também acaba servindo para abrir portas. São autores impressionantes, que mereciam já ter sido publicados aqui. É um privilégio apresentar essas vozes inéditas.

Verossimilhança e recepção

A preocupação com a verossimilhança dos contos em relação aos diagnósticos atribuídos a cada autor esteve sempre presente na construção da antologia. No entanto, não me preocupo muito com a recepção do conjunto entre os profissionais da saúde mental: são os que mais devem estar preparados para lidar com qualquer tipo de discurso. O psicólogo ou psiquiatra habituado a ouvir narrativas de seus pacientes não deveria se abalar com literatura de ficção. Se há algo que a psiquiatria ensina, afinal, é que o inesperado faz parte da rotina.

Agora, acredito na possibilidade de um fator especialmente interessante para meus pares: o jogo narrativo presente no projeto. Tirando os autores e demais envolvidos na produção, ninguém sabe qual diagnóstico cada personagem possui. Isso torna a experiência instigante e enriquecedora.

De qualquer forma, espero que o livro não seja recebido com maus olhos. Não conto com leitores sensíveis ao extremo no meio da saúde mental. Mas, claro, posso estar enganado.

Representação e espectro

Ainda sobre a verossimilhança: na imensa maioria dos casos, não houve distorções significativas por par-

te dos participantes. Nesse contexto, é difícil afirmar uma ideia de “erro”, pois qualquer transtorno mental opera dentro de um espectro. Podemos estar falando de um paciente que, apesar do diagnóstico, segue sua vida normalmente, enquanto outro está completamente incapacitado. A amplitude e a intensidade variam tanto que a noção de “ideia errada” beira o impossível.

Potencial catártico

A antologia pode ter um potencial catártico para alguns leitores, mas não foi concebida com essa obrigação. Alguns textos podem ser impactantes para quem vivencia experiências semelhantes às narradas; para outros, não.

A seleção dos nomes e diagnósticos abordados foi feita com base na diversidade. Por regra, cada narrador carrega uma síndrome ou psicopatologia diferente, mas a execução varia. Há histórias contadas pelas vítimas e relatos dos algozes.

O livro transita entre diferentes tonalidades afetivas. Algumas histórias são violentas, outras melancólicas. Há textos de humor e até comédia. A antologia não é sobre tristeza, nem raiva. Dentro do universo da psiquiatria, sintomas podem gerar expressões artísticas muito distintas.

"Estamos lidando com um projeto polifônico, assim como a psiquiatria. Assim como a realidade."

Por isso, o potencial catártico existe, mas não é imposto. A catarse pode surgir para alguns leitores enquanto, para outros, a experiência será estética ou reflexiva. Essa multiplicidade de recepções é uma das maiores conquistas do projeto.

Ultraviolência?

Uma peculiaridade do conjunto me chamou a atenção: a presença marcante da violência. Os nomes convidados, leigos na área da saúde mental, criaram muitos episódios violentos. Em algumas histórias, a violência se apresenta – no desfecho, normalmente – de maneiras distintas: sofrida ou infligida, autodirigida ou heterodirigida.

Em minhas primeiras impressões, a questão apareceu com tanta força que fiquei preocupado. Havia um risco de que a antologia transmitisse a mensagem errônea de que transtornos mentais são sinônimos de violência. Definitivamente, não é o objetivo.

Felizmente, conforme os textos foram chegando, caminhos diversos se apresentaram. Há os que chocam pela violência, mas outros extremamente emocionantes e até hilários. No fim, foi mais um susto inicial do que uma tendência geral.

O título: *Escritofrenias*

Desde o início, queria um neologismo como título. Tenho uma verdadeira obsessão por esse fenômeno linguístico: mantenho documentos, no celular e no computador, com novas palavras que me ocorrem. Quem estiver lendo esta entrevista não poderá ver o cenário em que estou agora, mas há um pequeno James Joyce atrás de mim, já na fase de *Finnegans Wake* (1939).

Mesmo decidido a respeito do nome, o processo de escolha demorou. Ao me surgir, *Escritofrenias* pareceu perfeito devido à homofonia com um diagnóstico amplamente conhecido, a esquizofrenia, ao mesmo tempo em que se combina com “escrita”. Modéstia à parte, é um ótimo neologismo para sintetizar a proposta do livro.

Forma e conteúdo

A necessidade de que a forma do conto dialogasse com o conteúdo foi fundamental: não seria suficiente se apenas sugerissem os sintomas e o diagnóstico. Isso porque, na vida real, a percepção de um transtorno mental se dá exatamente a partir dessa junção.

O instrumento do psiquiatra é a linguagem. O silêncio diz muito, o grito também. O paciente não responder o que lhe foi perguntado é, por si só, uma resposta com um significado absoluto. A análise da mente atravessa a da linguagem. E, ao falar em mente, refiro-me tanto ao pensamento quanto ao sentimento.

Nos contos, o ritmo da fala pode ser traduzido pela pontuação. A fuga de ideias ou a letargia de um discurso pode ser expressa na estrutura. A escolha e a correção das palavras revelam camadas de significado. A antologia, assim, tem a linguagem como um de seus temas centrais. A preocupação com a forma narrativa, capaz de representar transtornos mentais, é um dos pilares do projeto.

Até mesmo as produções com discursos mais convencionais dialogam com essa proposta, já que a execução linear pode refletir uma psicopatologia menos gritante. Forma, discurso e até a disposição do conteúdo na página foram elementos levados em consideração, como uma espécie de exame de estado mental dos textos em si.

Na contramão da mesmice

O diferencial da antologia vem de alguns méritos estruturais. Partimos de diretrizes muito específicas, sim, mas sem intenção de restringir a criatividade dos participantes. Pelo contrário, buscamos estimulá-los ao apontar um Norte com amplo horizonte a ser explorado.

A temática, por si só, tem um fascínio universal. Não é preciso ser psiquiatra ou psicólogo para se interessar por transtornos mentais. Pelas nuances dos afetos e da consciência. É um assunto que pode surgir em

qualquer ambiente – num restaurante, numa mesa de bar ou na faculdade, independentemente do curso. Existe algo quase químico no apelo desse tema.

Além da premissa cativante, miramos na diversidade estilística. Não impusemos experimentalismos, mas encorajamos a fuga do clichê, o que considero uma grande contribuição para a literatura nacional. Há uma tendência atual pela produção excessivamente realista, com abordagens limitadas e discursos reciclados, tanto em termos temáticos quanto formais. Isso não se aplica a todos, claro, mas a uma parcela expressiva, principalmente entre nomes celebrados.

A antologia, na contramão disso tudo, propõe um enfoque que a literatura brasileira contemporânea parece evitar. O trabalho com a linguagem, por exemplo, é uma contribuição substancial. Além disso, há o esforço de trazer à tona vozes ainda submersas, de um modo injustificável, num meio que negligencia sobretudo as mais jovens. Não que a mídia tenha obrigação de promovê-las, mas a lacuna é evidente.

Fascínio pelo distúrbio

O fascínio pela psiquiatria me parece inescapável porque essa é, ao mesmo tempo, a questão mais antiga da medicina e da experiência humana. Hoje, conseguimos estabelecer diagnósticos com critérios específicos que delimitam episódios, mas a verdade é que os transtornos e sintomas sempre existiram. Só não tinham os mesmos nomes de agora.

O crescente interesse pelo assunto se deve à ampliação do acesso à informação, ao olhar mais atento da comunidade científica e ao maior espaço dado pela mídia. As pessoas falam sobre isso com mais precisão, mas o tema sempre esteve presente.

Se pensarmos nos transtornos mentais sob um olhar estritamente médico, qualquer leitor que pegar a antologia conhecerá alguém que já passou por determinada situação narrada ou se identificará, ele mesmo, com alguma das experiências de sofrimento psíquico.

É praticamente impossível encontrar alguém que nunca tenha ouvido falar desses temas, que não tenha um amigo, parente ou colega afetado por alguma condição mental. O apelo, então, vem desta prevalência massacrante: trata-se de uma ainda incompreendida realidade cotidiana.

Detetives selvagens

A proposta da antologia, ao não revelar os diagnósticos atribuídos a cada participante, tem um viés detetivesco: permite ao leitor se envolver num jogo interpretativo. No cenário brasileiro, onde a leitura é escassa e a literatura costuma ser relegada ao último plano, essa estratégia pode parecer ousada. Mas não vejo assim.

O motivo é simples: os contos operam em múltiplos níveis de leitura. Para profissionais da saúde mental, o livro pode funcionar quase como um compêndio lúdico, um estudo de casos narrados com sofisticação literária. Quem quiser entrar no jogo de investigação diagnóstica pode fazê-lo.

Antes de tudo, porém, o objetivo foi reunir boas histórias. Identificar o diagnóstico representado pode ser um elemento adicional, mas não é requisito. Até porque, por exemplo, é possível reduzir grandes clássicos da literatura mundial em uma sinopse de um parágrafo, o que não significa compreendê-los. A experiência literária é sempre plural: dois leitores de um mesmo livro, no fundo, leem dois livros diferentes. Em *Escritofrenias*, o jogo é possível porque existe o leitor que joga, sem excluir quem busca apenas uma boa narrativa.

Absurdo palpável

Se é que algumas narrativas assumiram um tom carnavalesco, hiperbólico ou exagerado, é importante destacar: a própria realidade pode ser hiperbólica. Um paciente pode vivenciar um episódio tão intenso a pon-

to de parecer caricato e, ainda assim, ser absolutamente real. O absurdo pode acontecer em tempo real, e há momentos em que conseguimos tocá-lo.

Não vejo o exagero na contramão da verdade. E acredito que os leitores mais atentos perceberão: a antologia não se propõe a oferecer retratos definitivos ou totalizantes. Cada autor interpreta um transtorno à sua maneira, o que é muito diferente de afirmar: “Se quer entender um diagnóstico, leia tal conto”. Não funciona assim.

Se colocarmos dez pacientes em sequência, todos com o mesmo diagnóstico, a experiência de consulta com cada um deles será radicalmente distinta. Suas vidas serão completamente diferentes; as manifestações, singulares. A literatura segue a mesma lógica: em uma antologia, a ideia é justamente reunir múltiplas visões. Se fosse um livro escrito por um único autor, teríamos impressões unilaterais sobre cada transtorno. Não é o caso. Estamos lidando com um projeto polifônico, assim como a psiquiatria. Assim como a realidade. <

João Lucas Dusi é escritor e editor, com longas passagens pelos jornais de literatura *Cândido* e *Rascunho*. Publicou o romance *O diabo na rua* (2022) e os contos de *O grito da borboleta* (2019). Pela Kotter, editou mais de 70 títulos e está à frente da Madame Psicose desde 2023. Vive em Curitiba (PR).

O levante dos duplos e a era dos espelhos

Cristiano Castilho



➤ Capa de *Doppelgänger: Uma Viagem Através do Mundo-Espelho* (Carambaia, 2024)

Best-seller imediato do jornal *The New York Times*, vencedor do Women's Prize de Não Ficção em 2024, presente na lista de melhores do ano do *The Guardian*, *Time Slate* e *The New York Times*, traduzido para mais de 30 idiomas e publicado no Brasil pela Carambaia em setembro do ano passado. As credenciais podem sugerir um livro de autoajuda "xexelento", uma obra pseudo-religiosa ou um álbum de colorir para adultos com síndrome de Peter Pan. Mas *Doppelgänger: Uma viagem através do Mundo-Espelho*, é um catatau de quase 500 páginas que explica – muito, em diversos, amplos e profundos sentidos – a sensação geral de inércia e principalmente de indignação acumulativa a partir de sobressaltos com o andar dessa carruagem chamada mundo: e agora, o que fazer?

A autora do livro, um misto de ensaio com autobiografia, é a jornalista canadense Naomi Klein. Ela é o que faz: colunista do *The Guardian*, professora de justiça climática na University of British Columbia e professora honorária de Mídia e Clima na Universidade de Rutgers. Escreveu livros importantes e premiados como *Sem Logo* (1999), sobre como as corporações moldam a vida contemporânea por meio da publicidade e *A Doutrina do Choque* (2007), em que afirma que desastres naturais, golpes e guerras têm a capacidade de ativar ainda mais o capitalismo em seu modo rolo compressor. Em *Doppelgänger*, Klein nos entrega sua obra mais íntima e pessoal, a partir de um fato que provou ser seu *tour de force*: ela foi confundida com Naomi Wolf, uma negacionista, ativista antivacina e difusora de teorias conspiratórias. Uma daquelas pessoas capazes de afirmar sem enrubescer – em entrevistas a grandes emissoras norte-americanas, inclusive – que a vacina anti-Covid injeta DNA alienígena ou permite o rastreamento do nosso corpo para misteriosos experimentos comunistas. É ridículo demais para levar a sério, e sério demais para ser ridículo.



Doppelgänger é uma palavra de origem alemã que significa "duplo ambulante", e pode se referir à ideia de que cada um de nós tem um sócia, muitas vezes uma cópia maligna, saracoteando por aí. O tema já foi explorado, sob outras perspectivas, em livros como *O Duplo*, de Tolstói e *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e em filmes como *O Homem Duplicado*, de Denis Villeneuve, baseado na obra de mesmo nome de José Saramago. Mas a pegada de Klein é inovadora. Habilidade em escrever sobre o uso político da tecnologia e estudiosa de estratégias de comunicação de massa, a autora investiga o seu próprio duplo a partir do sub-mundo da desinformação, de redes digitais de teorias da conspiração, o que acaba, quase sempre, resultando em fanatismo, violência e "descolamento do real".

A partir de casos reais, estudos, citações de livros, entrevistas e digressões, Klein cria o conceito de "Mundo-Espelho". Algo como o "País das Maravilhas", aquele do livro de Lewis Carrol, em que um conchavo vira realidade, ficção vira verdade e nós mesmos nos perguntamos se ainda somos... nós mesmos.

Ao longo de seus capítulos – que têm títulos curiosos como "Encontrando Eu Mesma Na Floresta" e "Eles Sabem Sobre os Telefones Celulares" – Naomi Klein entrelaça temas diversos e atualíssimos, sempre tendo o "Mundo-Espelho" como lembrança, e/ou resposta. Cultura digital, luta antirracista, necrotecnocapitalismo, o conflito Israel-Palestina, e pitacos sobre o Brasil – país em que 57% da população não sabe identificar conteúdo satírico ou sensacionalista como informação falsa, segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de 2025 – entram num caldeirão ensaístico do qual é difícil sair, tendo em vista a sua prosa aproximativa e suas referências cotidianas constantes.

Um ponto alto da obra é quando Klein discute o sequestro do léxico. Ela explica como palavras como "narrativa", "liberdade" e "democracia" deixaram de significar o que significam para atender determinada ordem política ou visão de mundo. Ou exatamente o contrário do que significam. É, em suma, a separação entre os signos e os significados. Klein não deixa barato quando trata de personalidades e *influencers* de re-

des sociais – que cada vez mais arregimentam fiéis e capital político. "As subculturas de fitness e saúde alternativa há muito se misturam com movimentos fascistas e supremacistas", escreve ela – o excerto pode causar espanto, mas é bem argumentado, e inclusive insere o termo *conspirituality* (conspiritualidade) na treta toda.

A fé no hiperindividualismo, a atomização do indivíduo, a monetização da bizarrice e a crise das marcas pessoais – o nosso perfil no *Instagram*, por exemplo, uma espécie de processo de criação interna de um *doppelgänger* – seriam gasolina pura para alimentar o outro lado do "Mundo-Espelho", cada vez mais concreto e reluzente. Klein nos propõem também uma pergunta, cuja resposta parece estar longe, seja por falhas estratégicas de comunicação ou de um desalento sincero: qual alternativa está sendo oferecida deste lado do vidro? <

Serviço:

Doppelgänger: Uma Viagem Através do Mundo-Espelho
(2024)

Naomi Klein

Editora Carambaia

480 páginas



Cristiano Castilho nasceu em Curitiba (PR). Formou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e tem pós-graduação em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Foi editor, repórter e colunista do jornal *Gazeta do Povo*. Colaborou com os veículos *VICE Brasil*, *Folha de São Paulo* e *Bem Paraná*. É apresentador e produtor do programa *Papo Educativa*, da *Rádio Educativa* e da *TV Paraná Turismo*. Em 2019, lançou o livro *Crônicas da Cidade Inventada*, pela Arte & Letra.

Maltrapilha e desganhanta

Aline Brandalise

Sentada à mesa do lado de fora de um café no centro da cidade — daqueles em que o café custa o preço do bolo, o bolo custa o preço do prato feito, e o prato feito custa o preço de um apartamento de três quartos —, vejo uma cena que, de tão rotineira, me dá medo.

Um homem maltrapilho, malvestido, barbado, de cabelo desgrenhado e chinelos se aproxima rapidamente de uma senhora de cabelo escovado e topete, salto que faz TEC-TEC e roupa de alguma loja em que a blusinha custa o preço de dois apartamentos de três quartos.

Tá. O que eu faço? Queria ajudar de alguma forma, mas sou cagona demais pra me meter. Deveria pedir socorro pro moço do café? Gritar: "SE AFASTE DESSA MULHER DE TOPETE, SENHOR MALTRAPILHO!"?

Eu podia só me aproximar e fingir que ela é minha mãe. Ou podia continuar quieta tomando meu café caro, enquanto observo a cena, que, pra mim, já era um desastre.

Ele deve ser drogado, vai roubar essa bolsa caríssima aí. Tomara que seja rápido, tomara que ela consiga bloquear os cartões, tomara que os anéis sejam bijuteria, tomara que ele seja gentil. Um ladrão gentil, sabe? Não custa nada, poxa. Um pouco de gentileza pra não traumatizar a pobre senhora rica.

Só que... SÓ QUE... eles estão sorrindo! COMO ASSIM ELES ESTÃO SORRINDO?

Cadê o roubo, o choro, o medo? Cadê a emoção?

Um café tão caro pra assistir eles sorrindo?

O sorriso de AMBOS me faz repensar a cena. A anterior estava cheia de estereótipos absurdos. Até a gente, que se acha muito esclarecido e descoladinho, cai nessas armadilhas. Né? Eu caio.

Mas tá... então o cara maltrapilho, malvestido, barbado, de cabelo desgrenhado e chinelos não é bandido. Até nem acho mais o cabelo tão desgrenhado, sabe? Parece mais estiloso. O sorriso tem todos os dentes e, pra falar bem a verdade... até que ele é bonito. E CARACA! Eles se parecem. O moço estiloso e a senhora de salto que faz TEC-TEC!

Mãe e filho, certeza! Se amam muito, mas se veem pouco. Ele preferiu abrir mão de ser herdeiro da em-

presa hoteleira que leva o nome da família há quatro gerações, para viver livre, conhecendo o mundo e dormindo em albergues, barracas e colchões de ar por aí.

Ela, embora muito puta com a decisão do filho, o ama. O sorriso me diz isso.

Lindo sorriso do moço. Pegaria fácil.

Até que pagar o preço de uma moto nessa torta de cranberry com pistache valeu a pena, afinal. Amo histórias de amor.

Calma... mas quem foi que disse que ela, a senhora, é essa paz toda? Essa princesa intocada pela maldade? Eu hein!

E se a maltrapilha for ela? Falida e com problemas psicológicos gravíssimos depois de uma péssima gestão nos negócios da família e um caráter bem questionável, ela sai por aí com suas últimas roupas de marca (que ainda não foram vendidas em algum brechó em troca de trocados) e as últimas joias (ainda não penhoradas), pedindo dinheiro aos transeuntes.

Chega toda sorridente como quem não quer nada, com essa fantasia de boa senhora, ex-boa-moça, e depois ameaça a pessoa com uma pequena faquinha de aço puro.

Esse topete bonito não me engana, minha senhora. Aqui não. Tô ligada no seu lance. Tem muita maltrapilha por aí se fazendo de madame TEC-TEC que eu bem sei.

Talvez a drogada seja ela... por que não? E ele seja apenas uma vítima. Ele tem mesmo cara de guru espiritual dessas religiões diferentonas. Às vezes ele tá tentando salvar a alma dela da degradação ou apoiando-a com uma ajuda de custo, já que o vício em heroína deixou ela nesse estado, morando de favor na casa dos outros.

Mas esse sorriso aí... esse sorriso... caramba... E se fossem amantes?

Ai, sei lá. Uma coroa linda dessa com esse moço todo moderno? Já ame!

Ele deve ser o piscineiro da família e, um dia, eles se esbarraram no jardim. Os dois suaram um pouco (não disse por onde), porque a combustão da energia sexual foi imediata. Durante o dia, ele acabou cortando

o dedo, distraído e nervoso que estava; ela viu.

Claro que viu! Ela viu cada movimento dele naquele dia. Fez-se de preocupada e fez questão de aplicar um curativo. Levou ele pela mão para dentro da mansão. Viúva há sete anos, ela não sentia essa quentura há uns vinte anos. Aí, ele teve que tirar a camisa suja de sangue e... espera... se despediram.

Se afastaram. Um pra cada lado.

Sem abraço materno. Sem beijo de língua. Sem furto. Sem faca no bucho.

Ai, poxa vida, sabe?

Se eu soubesse, não teria pedido as bruschettas (que me custaram uma passagem pra Paris).

Talvez a verdadeira maltrapilha desganhada por aqui... seja eu.

Hora de pagar a conta. <



Aline Brandalise nasceu na cidade da Lapa (PR) e reside em Curitiba. Formada em Jornalismo e especialista em comunicação e marketing, encontrou nas crônicas uma forma de expressar sua visão do mundo. Conhecida pelo codinome "AB", ganhou destaque ao publicar suas crônicas leves e ácidas nas redes sociais. Recentemente lançou seu primeiro livro intitulado *Às vezes me sinto uma espectadora da vida real* pela Editora Arte e Letra em parceria com o *Jornal Plural*.

Mi

ta

Tenório Rocha

Maria Carmelita Açucena da Conceição. Preta dos olhos pretos, peito duro que nem coco, cabelo solto e espírito ainda pior. A Deus nada devo, nem nunca fomos apresentados. Ou Ele é corrido demais ou eu é quem não paro num canto. Sou mulher. Mulher. Se isso não te assusta, deveria, querida. Mulher, sim, de sangue grosso, coração calejado. Nasci em berço de besouro, só se for, casa de taipa é paraíso de Chagas, querida, muriçoca era estrela que zunia e voava, e dos buracos no forro de madeira choviam ovo de lagartixa e bosta de morcego, pensa, isso quando mãe não acordava a gente com chinelada na cara, porque barata d'água tava subindo no pescoço pra lambar resto de papa.

Brincava com boneca de sabugo, de pano era luxo, de plástico só se achasse no lixo com a cara encardida com os zói tudo pra fora. Essas eu levava pra casa, dava um banho de torneira, passava a escova de dente de papai na cara dela, com sabão de pedra. Depois recortava um trapo e fazia um vestido. Pensa numa marmota, dou até risada. Tempo ruim da desgraça que tenho saudade, aquele.

Everaldo, bicha velha amiga minha, era quem dizia: tua vida dá um livro, Mita. Olha pra isso, um livro? Tô com tempo nem pra fazer unha, tirar bigode, depilar virilha com aquela delícia de cera quente de Jandira, endireitar minhas madeixas, vou perder tempo com coisa que não dá lucro? Só porque passei fome sou motivo de livro? Passar fome não é, nunca foi e nunca vai ser diferencial, querida. Só porque fui puta de feira? Volta lá na minha terra pra tu ver se não tem mais puta do que chinela de couro e melancia, e cada vez mais novinhas.

Eu tinha o quê, quinze anos quando dava a priquitinha atrás do hospital? Era nem isso, hoje com dez ou doze as rapariguinhas estão soltando fogo e nem sei mais se é por dinheiro ou se é por safadeza. E pegam bucho, pegam bucho como se pega a doença da cólera, deixam lá pra vovó criar e se soltam no mundo como a bestafera, eu pelo menos não deixei filho pros outros darem conta, esse desgosto não dei à mamãe.

Contar coisa que passei, conto aqui mesmo, querida, sem dó nem nó, e se quiser gravar aí no gravador do celular pra depois dar risada, que grave, em alto e

bom som eu vou dizendo, vou contando o que me perguntar e o que não perguntar, tá ouvindo, tá gravando, tá vendo? Vocês querem saber tudo, né, quiridy? Bando de urubuzinho carniceiro de desgraça dos outros, desgraça e graça, rá, ninguém é de tudo miséria nesta vida, quiridy, já rodei muito em forró risca-faca também, botei velho na tumba de pau duro, roubei muito dinheiro de cabra sem vergonha traidor, roubei dinheiro e vou dizer que até já matei, mas isso é passado de outros passados, nem é bom pronunciar assim de tanto alto e bom som, olha aí, quiridy, tudo de olhinho arregalado, tem uma ali até suando, né, bicha despenteada?

Gosta das desgraças, né? Apôis eu conto, eu conto, conto. Matei, matei, por quê? Foi num fim de feira, uma amiga minha de escola apareceu com o olho deste tamanho, ó, a cara ralada, toda estropiada, me viu e fez que não viu, abaixou a cabeça e tomou rumo, corri atrás dela, virei a cara dela pra ficar frente com a minha, não precisou de muita coisa pra eu ver que tinha sido coisa do padrasto dela, e num era a primeira vez que ele fazia isso, e até coisa pior, aquele infeliz das costas ocas. Eu pensei, deixa quieto, maldito, teu dia chega e não tarda. Dito e feito. Foi noutra feira pra lá de seis meses depois, eu tava encerrando o expediente, dia bom, bem cansativo, mas tava com a bolsa entupida de nota de dez e mais um bocado na calcinha, e no suatã, que é pra ladrão num ganhar sorte.

Já tava puxando o carro, foi quando o bandido do padrasto de Verônica encostou em mim com aquele fedor de cachaça, coçando o bigode, envergando com a mão nas costas querendo coisa. Eu disse: acabou-se serviço por hoje. E ele: “Vem cá, quenguinha, tu nunca fosse de dispensar nem dinheiro nem rola, tome”, e foi botando uma mão no meu bolso com uma nota de vinte e a outra mão no meio das minhas pernas. Eu, assim, com um shortinho caju e blusinha branca, me afastei e disse: “Tu não tem vergonha, não, cachorro manco, abusar de uma menina inocente”. Ele arregalou os olhos e, num trisco, me deu uma bofetada de mão aberta bem aqui no canto da boca. Virei numa rodada, quase me estabaquei, mas, meu filho, a pomba gira voa. Andei dois passos pra trás, tirei da bolsa meu punhal de cabo

de rabo de peba. Foi quando ele veio pra cima e, no abraço, deixei-lhe um furo no pescoço igual se sangra galinha.

O quê, quiridy, ficou lá estrebuchando, foi achado no clarear do dia, com a cara de sangue seco e todo inchado. O homem tinha tanta intriga que sabe lá Deus até hoje quem matou o peste. Quem matou? Quem matou? Quem matou, quiridy, eu não sei, vocês sabem? Me digam: quem matou o cachorro? <



Tenório Rocha, nascido em 1986 em Garanhuns, Pernambuco, é estrategista de marcas, redator, roteirista e escritor. Após viver em Curitiba (PR), percorreu diversas cidades do Brasil e atualmente reside no Sul de Minas Gerais, onde cursa Psicologia. Entre suas obras destacam-se *A parte amarela do fogo* (Matriz Verbal, 2023), *A última parede do labirinto* (Patuá, 2022), *Fígado* (Selo LIVRE, 2019) e *Ô de dentro!* (Lura, 2017). O conto "Mita" faz parte do livro *Carcaça de Alma Urubu não come*, recém-lançado pela editora Kotter.

"New Flesh"

(ou faça você mesmo)

~ ~ ~ ~ ~
—WATCH ME BURN.
BABE...!



Current Joys

por Iuri De Sá

RAAAAWW...!

Nota do diagramador (favor não rabiscar nem colar coisas nesta página)

"New Flesh" foi composta e gravada por Nick Rattigan que a lançou em janeiro de 2013 como Current Joys no álbum *Wild Heart* pela gravadora Danger Collective Records.

Minha ideia inicial foi fazer uma história em quadinhos da letra da música com tradução livre. Mas além de dar um trabalho imenso, as primeiras tentativas me pareceram engessadas. Não gostei. Também não tínhamos tempo então optei por algo mais... ou menos..!

Besteira, a verdade é que adoro desenhar capetinhas e rabiscar layouts sejam quais forem. A brincadeira a seguir no jornal **Cândido** só me seria mesmo possível se eu estivesse diagramando.

Aguardei por esta oportunidade desde janeiro de 2024 enquanto Junior Milek, diagramador anterior do **Cândido** ao qual ainda peço conselhos, me explicava os limites do designer derivativo e passava as instruções para manter o design criado por Rita Solieri o mais intacto possível. Eu assumiria toda a diagramação no mês seguinte.

Prometi a ele me comportar. Só não prometi pra sempre e já faz um ano.

"New Flesh" (Current Joys, 2013)

I listened to The Cure,

Eu ouvi The Cure!

I listened to The Cure

Eu ouvi The Cure!

I listened to The Cure and then

Eu ouvi The Cure e daí

I cried

Eu chorei.

I watched Videodrome,

Assisti Videodrome.

I watched Videodrome

Assisti Videodrome!

I watched Videodrome

Eu assisti Videodrome...

and lost my mind

E perdi a cabeça!

Tried to write a song,

Tentei escrever uma música.

tried to write a song

Tentei escrever uma música.

I tried to write a song

Tentei escrever uma música.

I think you'd like

Acho que você vai gostar.

No one gives a shit,

Ninguém tá nem aí!

no one gives a shit

Ninguém dá a mínima.

No one gives a shit

Ninguém liga

about my life

pra MINHA vida.

'Til I die

Até eu morrer..!

'Til I die

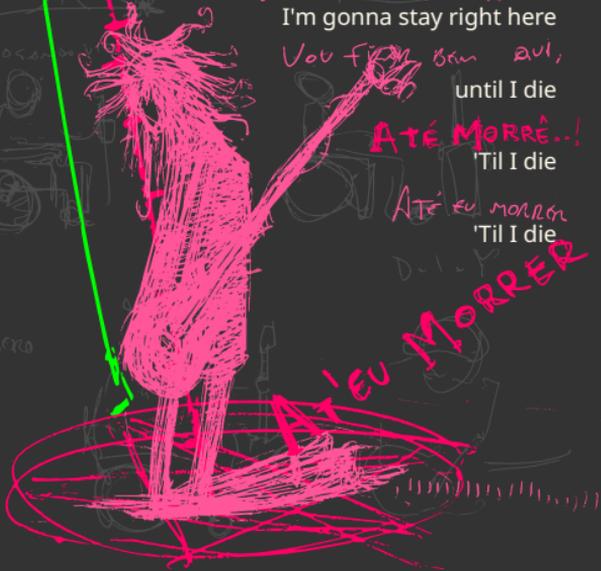
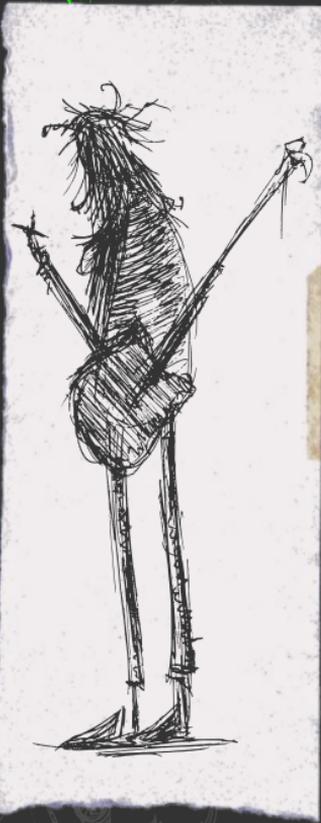
Até eu morrer.

DIY

DIY-VAÍ!!

DIY-VAÍ!!





I have nightmares,
 Eu tenho pesadelos
 I have nightmares
 Tenho pesadelos
 I have nightmares
 Tenho pesadelos
 all the time

Toda hora.
 So I stay awake,
 Então fico acordado
 so I stay awake
 Eu fico acordado
 So I stay awake
 Fico acordado
 all night

A noite toda.

I say I'm gonna leave,
 Eu digo que vou embora,
 I say I'm gonna leave

Digo que vou embora...
 I say I'm gonna leave,

Digo que eu vou embora.
 but I think you're right

Mas acho que ce tem razão.
 I'm gonna stay right here,

Eu vou ficar bem aqui.
 I'm gonna stay right here

Vou ficar bem aqui.
 I'm gonna stay right here

Vou ficar bem aqui,
 until I die

Até morrer...!
 'Til I die

Até eu morrer
 'Til I die

EU MORRER

DIY

D.I.Y.



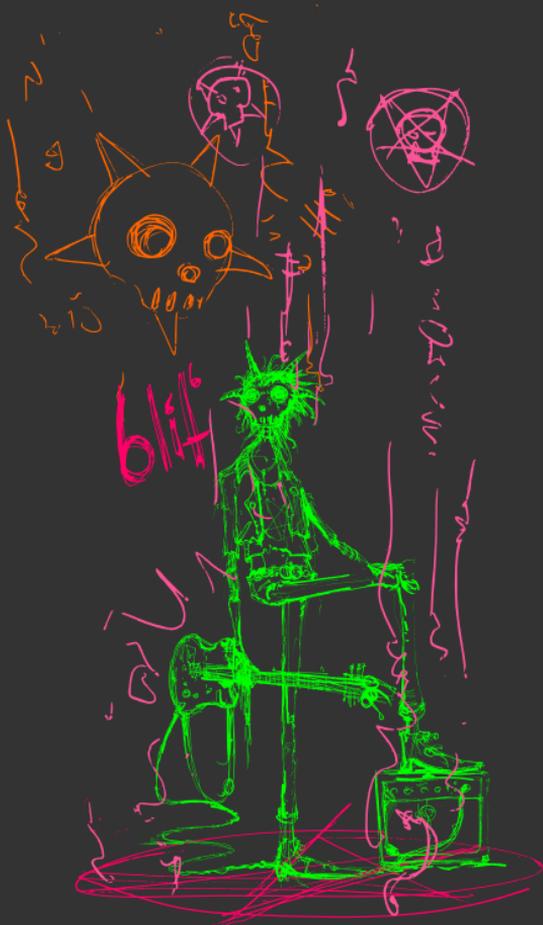
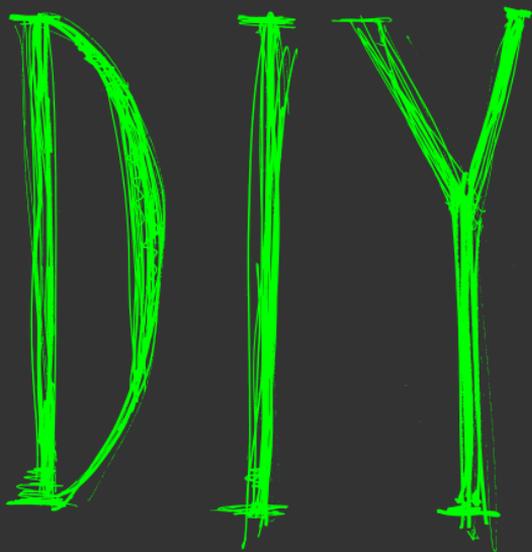




Foto: Memoro do autor / Iuri De Sá

Iuri De Sá nasceu em Araraquara-SP e mora em Curitiba desde 2011. Estudou Artes Visuais e Gravura na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) — é ilustrador e trabalha como diagramador do jornal *Cândido* desde janeiro de 2024.

Ciclo Cultural

Vitória Smarci

As fotos registram a estética visual de um grupo de ciclistas que transita entre dois espaços: a região metropolitana e o centro da cidade. Eles não usam roupas esportivas, criam seu próprio vestuário e bicicletas personalizadas, expressando sua identidade para além da prática, como uma extensão de seus corpos.



Vitória Smarci é estudante de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR), tem 21 anos e mora em Almirante Tamandaré, região metropolitana de Curitiba. A necessidade de se deslocar diariamente para o centro da cidade a fez procurar formas de se reconhecer nas construções urbanas e nos espaços de lazer, usando a fotografia para construir pertencimento por meio da observação do cotidiano. <















EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação, Pesquisa e Revisão

Bianca Weiss

Leticia Lopes de Souza

Maria Beatriz Peres

Colaboradores desta edição

Aline Brandalise

Cristiano Castilho

Isa Honório

João Lucas Dusi

Tenório Rocha

Vitória Smarci

Ilustração de capa

Ana Dureck

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Iuri De Sá



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br | imprensa@seec.pr.gov.br

bpp.pr.gov.br/Candido

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)

[facebook.com/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



PARANÁ 
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA